

ESPACIO CREACIÓN/CREATION SPACE

Novas estrelas no Cruzeiro do Sul

Sônia Queiroz
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
queirozsonia@yahoo.com.br

Sempre houve poetas, narradores, pintores, escultores, gravadores, sempre houve artistas negros nessas terras, desde que aqui aportou, ainda na primeira metade do século 16, o primeiro navio trazendo africanos escravizados pelos colonizadores portugueses. Entretanto, demorou muito, séculos, até que a sociedade brasileira reconhecesse os valores de homens e mulheres negras, para além de sua força física, explorada no trabalho braçal.

Somente na segunda metade do século 20, cem anos depois da abolição do regime escravocrata e da Proclamação da República, é que foi reconhecida na Carta Magna a igualdade de direitos de brasileiras e brasileiros negros. E, ainda hoje, na terceira década do século 21, ainda é preciso lutar por esse reconhecimento no dia a dia.

Assistimos hoje a uma efervescência das artes produzidas por artistas de ascendência africana, resultante dos movimentos sociais levados adiante por alguns segmentos da sociedade brasileira, em que se destacam os movimentos negros e os das mulheres. Sim, constatamos hoje a importância do movimento feminista para o reconhecimento pleno da cidadania das mulheres e dos homens negros brasileiros.

A poesia produzida hoje no Brasil por mulheres negras – escrita e publicada em livros e periódicos, assim como vocalizada em saraus e slams – é um testemunho forte e pungente dessa luta que se estende por mais de 500 anos e que neste momento ilumina a cena literária. Leda Martins, Lívia Natália e Tatiana Nascimento são exemplos vivos que se destacam com livros de poemas publicados e premiações. De cada uma delas selecionamos uma pequena amostra constituída por cinco poemas, que brilham e nos abrem caminho para a constelação.

Sônia Queiroz é poeta e professora da Faculdade de Letras da UFMG, na área de edição. Sobre línguas e culturas afrobrasileiras, publicou os livros *Pé Preto no Barro Branco: a língua dos negros da Tabatinga* (2ª ed. rev., 2018) e *Palavra Banto em Minas* (2019), ambos disponíveis para acesso gratuito em *ebook*, no *site* da Editora UFMG, na Scielo e na Amazon. Nos últimos anos tem-se dedicado à tradução de poesia afrocolombiana, e em 2023 lança pela Editora UFMG uma antologia bilíngue, em coedição com a Editorial Javeriana, de Bogotá.

Os poemas são publicados com a autorização das poetisas, as quais mantêm os direitos autorais sobre eles.

Os membros do Conselho Editorial de MARLAS avaliaram esta edição de Espacio Creación e recomendaram sua publicação.

Leda Martins



(Foto arquivo pessoal da poeta)

Poeta, dramaturga e ensaísta, é autora dos livros de poemas *Cantigas de Amores* (Edição da autora, 1983) e *Os dias anônimos* (Ed. Sette Letras, 1999); e, de ensaios, *Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela* (Cobogó, 2022), *Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá* (Mazza Ed. e Perspectiva, 1997, reed. 2021), *A cena em sombras* (Perspectiva, 1995) e *O moderno teatro de Qorpo Santo* (Ed. UFMG, 1991). Foi professora da Universidade Federal de Ouro Preto e da UFMG, em Belo Horizonte. Também foi professora convidada da New York University em 2009, e em 2023 é professora visitante na Universidade Federal Fluminense. Em 2022 recebeu o Prêmio Milú Vilela – Itaú Cultural 35 anos, que reconhece figuras de destaque no cenário artístico brasileiro.

Humanitas

Solidão
minha condição humana
impossibilidade total
de desfruir
e nas orlas do desejo
partilhar do jogo.

Liberdade
minha única ambição
impossibilidade fatal
de esquecer
no cárcere do outro
minha própria prisão.

(Os dias anônimos)

Imago

És da cor da terra
e gemem em ti os estribilhos
das matas.
És maldita como os mitos
e dormes tensa
quase sem respirar
respirando mansinho
sem soçobrar
quase acordada.

(Os dias anônimos)

Mnemosine 2

Com Bandeira, Haroldo e
Henriqueta

ouvi
no amanhecer
o canto das lavadeiras
madrugada afora
virando rio

os resíduos do verbo
tecem franjas na memória
tessitura imaginária
de estranho e familiar desejo

toda história é sua invenção
qualquer memória
um hiato
no vazio

e nos subúrbios da noite
eu faço versos como quem cisma
sons miragens
silêncios e vãos
delete o poema
se não tens agora
do pranto
nenhuma razão

eu vi quando amanheceu

a luz que ruiu foi assim tão tênue
o acorde que se ouviu foi assim tão
breve
que em si mesmo se perdeu

e vi quando escureceu

de desencanto meus olhos
turvarão
o coração distraído
não

(Extraído da série de poemas da
autora publicada em dezembro de
2021 na revista *Piauí*, ed. 183)

O menino e os dias

nas aragens
veleira
entrelinhas
o menino
e seu equinócio
o menino
e os dias

o livro do velho
em salivas o menino
desfolha
quantos anos o menino?

ainda não sofre
o menino
alheio à dor inquieta
que ainda de si
não se sabe

amanhece nos solfejos

o menino
arisco
ferindo no ar
um punhal de rabiscos
o filho em devires
transpira
quantos anos o menino?

voltejam sutis
as horas
curvadas de tempo

no cômodo
escombros da sala
a mãe de sua
entre bordados
morta
lá fora o remoinho
astuto
vela
quantos anos o menino?

do livro a capa
encardida
em folhos
flanela
quantos anos
o menino
em devires
inda espera?

vórtices
voragens
e trevas
quantos anos o menino
nas espirais
expira?

quantos anos o menino?

(Extraído da série de poemas da
autora publicada em dezembro de
2021 na revista *Piauí*, ed. 183)

Poeta primeiro

Para Adão Ventura
in memoriam

O poeta primeiro
risca na pele
a cor escrita.
O que anoitece o poeta?
Será a cor um destino
um defeito
um malfeito
um malefício
um feitiço
uma sina?
Ai que dor
ai que dor
ai que dor
no teu coração
ai que dor!
Ou será a cor um arrimo
um preceito
um manifesto?
Na pele a palavra atenta
árida
às vezes lume
às vezes trevas
arde
e não repousa o sono.

O poeta primeiro
com olhar de velho preto
mesmo quando ainda moço
é altivo isidoro.
Dispara justiça
em comarcas e roças
onde também bate ponto.
Por onde andavas tu
poeta primeiro?

Fui catar ventos
recheiar palavras ocas
limar versos
em outras cercanias
me pintar de luz
amolar a foice
cortar garrotes
que lanham na morte alheia
a própria morte
nossa consorte
sorradeira.

De que sofre o poeta?

Da moça
que dele a cor recusa?
Dos apartes do mundo
que lhe deixam mindinho?

Seu vovô teodoro
sua vovó justina
sua bisavó mãe zefa
sua mãezinha bastiana
seu papai maçambique
sapateiam no pé de coroa
cantareiam nos pés d'ingomá.

Ô lelê
Ô lá lá
bilros tilintam no ar
nossas tantas africanias.

Foi no serro
que aprendestes a versejar?
Temperar o sol
e o salitre
destravar a língua
abrir tramelas?

Na fazenda de mata cavalos
há uma rua onde se trançam cabelos.

Quem vem lá, teodoro?

Vestido de biribiri
vem o poeta primeiro
rimando cantarias.
Cercado de muitos pretinhos
todos ternos
todos tintos
vem fazer maravia
vozear a dor ardente
cortejar reminiscências
com os reis das folias.

Podeis muito
poeta primeiro.
Nessas palmas e ares
inda incendeiam galdinos
inda matam nossos sobrinhos
mesmo depois de mandela
mesmo depois...

Este um teu testemunho.
Tua palavra adâmica
timbrada em esmeril
pura de escamas
ainda soluça
ainda lavra
ainda acena
haurida na forma
que se quer teu sinônimo
mesmo que te quisesses anônimo.

Mouro,
és nobreza de açucena
tudo em ti
gravita
embeleza
e se emblema.

És poeta primeiro.
Em tuas sonâncias
e orikis
hoje
de saudades
tremo.

(Publicado em novembro de 2019 no *Suplemento Literário*, em edição especial dedicada aos 80 anos do nascimento do poeta negro Adão Ventura)

Lívia Natália



(Foto Priscilla Fulô)

Poeta e docente na Universidade Federal da Bahia, onde ensina Teoria da Literatura e pesquisa literaturas negras, teve seu primeiro livro de poemas, *Águas negras*, contemplado com o Prêmio Banco Capital de Poesia em 2010 e publicado no ano seguinte pela Caramurê, em Salvador, Bahia. Em 2016 o livro foi reeditado, em versão ampliada, com o título *Água negra e outras águas*, pela mesma editora, pela qual também publicou *Sobejos do mar*, em 2017, e em 2022, *Em face dos últimos acontecimentos*, livro em verso e prosa que denuncia os fatos e atos que abalaram a vida dos brasileiros, em especial a população negra e pobre, nos três primeiros anos da década de 2020. Publicou também *Correntezas e outros estudos marinhos*, pela Ogum's Toques Negros, em 2015, e *Dia bonito para chover*, pela Malê, em 2017, este último premiado pela APCA como Melhor Livro de Poesia daquele ano.

Metonímia

Meu pai colocou meu nome num barquinho que comprou.
É miúdo.
Uma insignificância no meio do oceano de vaga vaga.
É reles.

De uma cruel e desleixada vileza.
De uma pequenez quase lírica.

É reles.

Mal cabem nele dois homens e o isopor para a pescaria.

Mas cabem dois homens.

Talvez somente ele – solitário – e o isopor.

Mas, como no milagre,
O barco que leva o meu nome caminha sobre as águas.

(Água negra e outras águas)

Oceano

O mar se deslembra, homérico, do que passou.
No seu infinito de profundezas
tudo o que do mundo guarda
é apenas rastro do perdido.

O mar se recaminha todo o tempo,
compulsivo, se busca na seda das ondas.

A areia,
que guarda as lembranças todas
na minúscula caixa de cada grânulo,
tem pena do mar.

Apenas por isto ela dança com suas Águas.

(Correntezas e outros estudos marinhos)

O caso do vestido

Meu corpo não respeita as estações.
Chove grosso em cada dobra da cidade
e eu trago comigo um vestido de verão
intempestivo.

Meu corpo não cede e,
vivo,
arde no ligeiro das rendas,
nas maresias que lambem o ar.

Meu corpo não cede.

E o vestido que me desveste neste calor temporão
é todo bordado na minha pele:
por dentro.

(Correntezas e outros estudos marinhos)

Corpo crespo

O Negrume de minha pele
não dói na ponta dos meus dedos,
não dói entre minhas pernas,
nem nos joelhos.
não dói quando meu cabelo se dobra sobre si,
em cachos crespos,
não dói.

Esta cor que fala antes de mim,
que chega alastrando-se
e a tudo contamina
com seu cheiro salobro de outráficis,
em mim não dói.

Ela dói no outro.
Arde, violenta, em seus olhos.
Fere, na carne grossa do medo,
a brecha macia que sabe
do vermelho-irmão de todo sangue.

(Correntezas e outros estudos marinhos)

Elegia

A um jovem morto pela fúria do Estado

A morte sempre me dói num descampado,
descobre, em minha pele fina,
searas abertas para as lágrimas.
Laca fundo o gorgomilo
e fere os miúdos de mim
com unhas grandes.

A morte do outro,
um meu desconhecido,
um ignorado de mim,
rói o grosso do meu afeto:
mistura entranhas
e desabriga o sangue das feridas secas.

Dói.

E eu nunca sei o que fazer
com isso,
que é o desamparo.

(Em face dos últimos acontecimentos)

Tatiana Nascimento



(Foto Thaís Mallon)

Brasiliense, cantora, compositora, escritora, tradutora, editora de livros artesanais, com experimentação em audiovisual. Como editora, publicou mais de 50 títulos de autoras negras e/ou LGBTQIs pela Padê Editorial. Idealizadora e cofundadora do primeiro slam exclusivo para mulheres & lésbicas do Brasil, o Slam das Minas de Brasília/DF, e idealizadora da Semilla – feira de publicadorAs. Tem 12 livros autorais publicados, dentre os quais se destacam o primeiro, *Lundu*, publicado pela Padê – selecionado pelo Projeto Nacional Leia Mulheres na categoria “Melhores Livros de 2016”, reeditado no ano seguinte e selecionado como “Livro do Mês” de dezembro de 2017 na edição de Brasília do projeto “Lendo Mulheres Negras” e na edição de maio de 2018, em Salvador – e *Palavra preta*, publicado pela Organismo, de Salvador, finalista do Prêmio Jabuti na categoria poesia em 2022.

alvos
não dis-pardos
mas de: dis-paros
alvos
pulmonares
do dióxido da classe ranço branco
muito ódio aos alvos pretos
ei-los
meus alveo-los feitos
banzo
doem disfeitos sufoco
qualquer respiradouro senhorial é
pouco
sou sensorial
(Lundu)

Tecnologia ancestral de cura amor y prazer

cola-velcro
é da diáspora
quenda-neca
é da diáspora
morde-fronha
é da diáspora
gilete ("corta-
pros-2-lado")
é
da
diáspora
viadagem
é coisa de pretx sim
queerências
é coisa de pretx sim
sapatonice
é coisa de pretx sim
o continente que inventou o mundo
inventou tb muitos jeitos de e
star no mundo

(que "gente é pra brilhar
não para morrer"
sem nome)

(Palavra preta)

paixão sem paz

(2023, v. 04)

aquele adeus que c não deu
(yinsurdeceu msm assim)
largou tudo ao
léu-dirá:
savoir
sem ouvir, au revo

ir...

se eu quero mais
teus aiaiai
teu pão
teu sal
paixão sem
paz? não, merci, sara
vá.

(Poema inédito)

Primavera, baobá

(2023, v. 03)

mesmo gris me yin
siste um sol no plexo,
"mais solar, mais solar"
existe ser feliz:
é só plantar.

(Poema inédito)

Um ebó di boca y otros (silêncios), #1

(13 de maio de 2018, versão 02)

faço da invenção memória-de-condão, mais acurada:
que as mentiras que eles vendem como história
pedra-laroyê que fura a curva do tempo
pétala afiada conjura a cura da
re
pe
ti
ção
eu sou um baobá que sonha, eu sou o rasgo do trovão
eu sou a voz do oceano: profunda ancestral brilhante
há
es
cu
ri
dão
passo no futuro y rota de expansão, mais histórica:
que os ritos científicos que desligam mito y
trajetória. a dor é o dado, mas a gente é
dada às
sur
pre
en
dên
cias do amor
y o fogo da raiva, de palha, nem se compara
ao bélico ardido
do
ma
ri
wô
vinda da deusa que pinta o pôr do sol y
deita na deusa que dança as ondas
bem antes que esses 500 anos
de milênios planos
não tem(emos) cabimento em
estreitos dicionários ca
lendários caravelas
engenhos
enganos

(Poema inédito)